

ELEIÇÕES NAS ESCOLAS

Pleito leva 20% da população do DF às urnas

MARGARETH MARMORI

Hoje, quase 20 por cento da população do DF poderá estar participando de uma eleição que promete movimentar a cidade. Pais, alunos, professores e funcionários participarão do processo de escolha dos diretores de escolas da rede oficial de Brasília. Segundo cálculos preliminares da Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF), mais de 350 mil pessoas estão aptas a votar para diretor.

De acordo com informações da Comissão Central das Eleições, há 652 professores candidatos. Em 358 escolas públicas, das 450 existentes, candidatos apresentaram-se para a disputa. Eles buscam o voto de quase 300 mil alunos e pais ou responsáveis, cerca de 30 mil servidores e mais de 24 mil professores.

ACUSAÇÕES

Em boa parte das escolas — 116 — há só um candidato. A disputa mais acirrada acontece em cinco escolas, onde há quatro candidatos em cada uma. A coordenadora da comissão central, Angeia Maria Vilas Boas Ribeiro, diz que na área rural encontra-se o maior número de escolas onde não surgiram candidatos. A votação ocorrerá das 9h às 20h e logo depois as comissões eleitorais de cada colégio começarão a apuração.

A presidente do Sindicato dos Professores (Sinpro), Lúcia Carvalho, considera que as eleições são uma conquista da comunidade. Mas para os dirigentes da União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Brasília (Umesb), o Sinpro e o Sindicato dos Auxiliares da Administração Escolar (SAE) estão usando o processo eleitoral para promoção política-partidária.

De acordo com o presidente da Umesb, Donizete Moura de Jesus, a maior parte dos professores está se preocupando somente com questões políticas e colocando em segundo plano problemas pedagógicos. "Os dois sindicatos, ligados à CUT, estão fazendo propaganda do PT nas escolas", denuncia Donizete. A Umesb está distribuindo um boletim onde coloca suas críticas às entidades sindicais.

Na opinião do líder estudantil, durante a campanha o Sinpro e o

SAE procuraram atuar com mais intensidade nos centros de ensino e educacionais, onde há alunos mais velhos. "Escola-classe não interessa porque eles estão de olho nos estudantes que poderão votar na próxima eleição para deputado", garante Donizete. Ele diz que o Sinpro teria produzido material de campanha que foi distribuído apenas aos que têm afinidade ideológica com o sindicato.

DEMOCRACIA

Lúcia Carvalho rechaça todas as acusações. Diz que qualquer candidato pode usar o material produzido pelo sindicato, que está à disposição na sede da entidade. "Temos apoiado todos os candidatos porque achamos ser essa a forma mais democrática de apoio ao processo eleitoral", comenta a sindicalista. Garante que ninguém tem usado o Sinpro

para defender uma pessoa isoladamente.

Para o presidente do SAE, José Eudes Oliveira Costa, as acusações da Umesb não têm fundamento. Ele acha que não há motivos para impedir ou desestimular a discussão sobre problemas políticos nacionais durante a campanha nas escolas, mas afirma que os dois sindicatos têm feito apenas propaganda da democracia. Uma das principais críticas do Umesb refere-se à data da eleição, que caiu num sábado.

Na opinião de Donizete, o sábado é um dia que não facilita a participação dos alunos, pois não há aula. O Sinpro e o SAE teriam defendido a data exatamente para dificultar a votação dos estudantes. Lúcia também rebate esta acusação, explicando que a contagem dos votos será considerada percentualmente, independente do número de alunos e pais votantes.

Herança é problemática

Os candidatos eleitos para a direção das escolas da Fundação Educacional sabem que não terão tarefa fácil pela frente. Só as eficiências na rede física do ensino público, que conta com 80 estabelecimentos condenados pelo Corpo de Bombeiros, são um grande desafio. Mas os problemas estão também na escassez de verbas para material didático, na insegurança dos colégios, no reduzido quadro de pessoal técnico-administrativo e na falta cada vez mais frequente de merenda escolar.

Além de todos esses problemas, o diretor terá, ainda, um importante papel político a desempenhar. "A principal tarefa dos diretores será a de abrir a escola à sociedade, tornando-a democrática", afirma o diretor do Sinpro, Nelson Moreira Sobrinho. Para ele, os diretores deverão atuar como articuladores da comunidade que, mobilizada, "poderá cobrar do Governo uma escola pública mais digna".

CLIENTELISMO

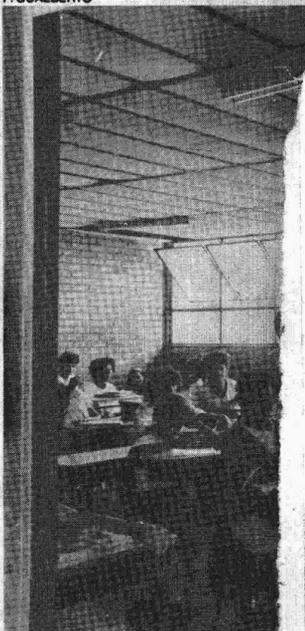
O presidente do SAE, José Eudes, destaca outra tarefa para os diretores — deverão se encarregar de levantar a discussão sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Eu-

des acredita que a eleição é importante porque "ajuda a quebrar a estrutura autoritária das escolas". O sindicalista acha que muitos consideram que a escola seja um reduto do professor, "sem perceber a importância do trabalho dos funcionários".

"Eleger o diretor e cortar um pouco o clientelismo feito com a indicação", acredita a presidente do Sinpro, Lúcia Carvalho. A sindicalista acha que a escolha direta desfez os planos daqueles que "pretendiam usar o cargo de diretor como ponto de partida para formação de currais eleitorais". Esta será a segunda vez que a comunidade de Brasília escolherá os diretores dos estabelecimentos de ensino.

A primeira vez foi em 1985 e a eleição deste ano esteve ameaçada nos últimos meses do governo de José Aparecido. A votação acabou entrando como ponto de negociação na última greve dos professores, em novembro passado, quando Joaquim Roriz já ocupava o GDF. Para Lúcia Carvalho, "O Governo anterior tentou impedir a eleição para buscar manter os currais eleitorais montados pelo PMDB com a indicação de diretoresH".

F. GUALBERTO



Farta propaganda eleitoral

Aluno acusa diretora em Taguatinga

As paredes dos corredores do Centro Educacional nº 6, no Setor L Norte de Taguatinga, estão cobertas de cartazes e faixas divulgando a candidatura da atual diretora do colégio — Edelzuita Ivo de Andrade — a um novo período na administração da escola. Para alguns alunos, a força visual da campanha de Edelzuita é sustentada por ações coercitivas que seus partidários têm usado contra o outro candidato, o professor Emmer Ferreira. Os alunos Raimundo Nonato Penha e José Renato Carvalho chegam a denunciar ameaças que teriam sofrido de membros da direção.

Contam que, na noite de segunda-feira, eles e o colega Fernando Robson Silva foram impedidos pelo encarregado Gilmar Bezerra dos Santos de afixar cartazes de apoio a Emmer. O encarregado teria, também, levado os alunos à sala da direção, onde ameaçou-os de suspensão por quatro dias caso continuassem com a campanha. Raimundo, 18 anos, aluno do 1º ano do 2º grau noturno, garante que Gilmar disse que os enquadraria em processo administrativo se insistissem com o apoio a Emmer.

INTERVENTOR

A direção da escola nega as acusações dos alunos. Edelzuita afirma que ninguém foi impedido de defender seu candidato. Diz, também, que desconhece qualquer ação coercitiva de Gilmar. O próprio encarregado endossa a negativa da diretora. Segundo ele, "na verdade alguns alunos foram impedidos de afixar cartazes porque estavam prejudicando o andamento normal das aulas". Por isso, foi definido que alunos só podem fazer campanha fora de seu turno de aula, com autorização da comissão eleitoral local.

Edelzuita Ivo de Andrade está há 17 meses na direção do Centro Educacional nº 6. Antes dela, o cargo foi ocupado por um interventor que substituiu o diretor Emmer Ferreira. Eleito diretamente por professores, funcionários, pais e alunos, em 1985, para a direção do colégio, Emmer foi exonerado do cargo em maio do ano passado. Agora, através de nova eleição, ele procura voltar à chefia da administração da escola.

Roriz descarta manipulação

O governador Joaquim Roriz determinou a comissão que coordenará as eleições nas escolas, que faça um acompanhamento rigoroso em todos os estabelecimentos de ensino até o momento em que forem divulgados os resultados da votação. Ontem, Roriz recebeu informações de assessores negando possíveis manipulações em algumas unidades, envolvendo partidos políticos e candidatos que estariam comprando votos.

Roriz assegurou que o Governo respeitará o resultado do pleito. Ele manifestou preocupação quanto à eventual manipulação política das eleições. Revelou que a experiência anterior "desdobrou-se em muitas contradições e frustrações", mas lembrou que a cláusula do acordo coletivo firmado com os professores — prevê as eleições — será garantida.

O presidente regional do Partido dos Trabalhadores, Orlando Cariello, descartou ontem a possibilidade de militantes políticos estarem trabalhando politicamente em favor de alguns candidatos. "O assunto não foi discutido nem pela Executiva nem pelo Diretório Regional", afirmou. Ressaltou que "grande parte do professorado" nutre simpatias pelo PT, e esse fato poderia estar sendo mal interpretado.

Só plebiscito exonera o eleito

Quem votar para diretor de escola hoje participará da eleição com a certeza de que a vontade da comunidade não será cassada. Um dos itens da Instrução 270 da Fundação Educacional, que regulamenta a eleição, determina que a exoneração do diretor só poderá ocorrer depois de um plebiscito com a participação da comunidade. Através do plebiscito, a comunidade dirá se aprova ou não a dispensa. O plebiscito representa uma grande conquista em relação ao processo eleitoral de 1985.

Muitos dos diretores eleitos há três anos foram exonerados pela diretoria-executiva da Fundação Educacional. A maior parte das dispensas ocorreu devido à posição dos diretores em defesa dos movimentos grevistas de professores e servidores. Cada escola terá duas urnas — uma para os votos de professores e funcionários e outra para a comunidade formada por alunos e pais ou responsáveis.

O voto de um professor terá peso igual ao de um servidor, o mesmo acontecendo entre pais e alunos. Mas o voto individual de um professor ou funcionário terá mais peso que o de um pai ou aluno. Isso porque a contagem geral dos votos será por categoria e há muito mais pais e alunos do que professores e funcionários. O total percentual de votos para cada candidato em uma urna será somado ao total da outra e só então sairá o resultado final da votação.

Para concorrer ao cargo de diretor, o candidato deve ser professor com formação de nível superior. Também deve ser habilitado ou estar estudando ou ainda se comprometer a ingressar em 1989 no curso de administração escolar ou educacional. Além disso, o professor precisa pertencer há dois anos ao Quadro de Carreira de Pessoal de Magistério da Fundação ou do GDF.

Outra exigência é que o professor deve ter lotação de no

mínimo seis meses na diretoria regional de ensino a que pertence o colégio onde se candidatou. Os votantes poderão ser professores, funcionários (auxiliares da administração escolar), alunos matriculados no colégio que cursam a partir da 7ª série do 1º grau ou tenham mais de 14 anos e pais ou responsáveis legais de alunos menores de 14 anos ou que frequentem da pré-escola à 6ª série do 1º grau.

Os diretores eleitos serão empossados no próximo dia 23 e terão mandato de três anos. Um dos pontos da Instrução 270 possui uma regra que talvez pudesse ser adotada em eleições de governantes de cidades ou estados. A regra estabelece que o candidato eleito deve honrar os compromissos assumidos durante a campanha. Para votar, o eleitor precisa apresentar-se com documento de identidade. Caso o aluno ainda não tenha identidade, deverá apresentar declaração expedida pelo colégio.

Em Planaltina, 4 disputam cargo

Há oito anos a direção do Centro de Ensino nº 1 de Planaltina é ocupada pela professora Marina Autran. Com a eleição nos estabelecimentos de ensino, a escola renovará sua direção e a disputa é das mais acirradas. O centro é um dos poucos colégios da rede oficial onde há quatro candidatos concorrendo ao cargo de diretor. Porém, o aspecto mais positivo da eleição no estabelecimento não é o número de candidatos, mas a tranquilidade com que o processo de escolha do novo diretor vem se desenvolvendo.

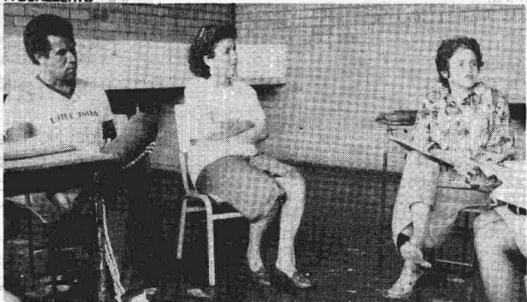
Entre os quatro candidatos — Maria José Correia Muniz, José Clemente Fernandes da Silva, Marlene Afonso dos Reis e Caubi Lopes Menezes — não há ataques pessoais nem provocações. Cada um desenvolve a seu modo a campanha e aos poucos os eleitores vão se definindo. As propostas não são muito diferentes e a prioridade de todos refere-se à segurança na escola.

MOBILIZAÇÃO

Em função da semelhança de propostas, o que certamente mais pesará na hora do voto será a personalidade de cada um dos candidatos. A personalidade do futuro diretor determinará seu modo de agir à frente da escola. Um dos pontos comuns nos programas dos candidatos é a defesa da integração com a comunidade.

Maria José, Cléme e Marlene acham que a única forma de resolver os problemas do colégio é através da mobilização da comunidade. De forma organizada, segundo elas, estudantes e pais teriam mais força para pressionar o Governo a atender às necessidades da escola. Os candidatos não reservam críticas à atual direção, mas de-

F. GUALBERTO



Em Planaltina, 3 dos 4 candidatos falam de suas propostas

fendem mudanças na forma de trabalho da administração do estabelecimento.

O Centro de Ensino nº 1 tem quase 2 mil 500 alunos, nos turnos matutino, vespertino e noturno. De manhã e à tarde são oferecidas turmas da 5ª a 8ª série do 1º grau e à noite, supletivo de 1º e 2º graus. Na oferta do ensino de 2º grau reside um dos problemas do colégio, construído para sediar exclusivamente turmas de 1º grau. Outras dificuldades do colégio são semelhantes às da maioria da rede oficial de ensino.

A manutenção deficiente das instalações físicas faz com que muitas salas estejam em condições precárias. Os banheiros funcionam de forma deficiente e só há um bebedouro em toda a escola, para as centenas de estudantes. Para piorar a situação, em todo o segundo semestre a escola só recebeu uma remessa de material de limpeza. Os produtos foram insuficientes e há várias semanas os banheiros não são limpos adequadamente.

A escola não possui instalações adequadas à prática de educação física ou atividades

extracurriculares. Também não há locais adequados às práticas de ensino de artes plásticas, música ou experiências de laboratório. Além disso, o colégio ficou um mês sem receber alimentos para a merenda escolar. A situação é agravada devido à falta de segurança, que facilita as depredações.

As precárias condições do colégio podem ser melhor demonstradas por dois exemplos. Desde julho, a escola recebeu apenas uma remessa com 20 resmas de papel. As resmas só serão suficientes para a aplicação das provas de fim de ano. Se um professor quiser dar aos alunos algum exercício, mapa ou texto mimeografado terá que tirar do próprio bolso o dinheiro para comprar papel, que custa quase C\$2 mil (cada resma).

Outro exemplo é a aplicação das provas de educação física. Os alunos precisam ir ao módulo esportivo da cidade, que fica a um quilômetro do colégio. Professores e funcionários do estabelecimento testemunham que a diretora tentou melhorar as condições do colégio.